



PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

1º período letivo de 2021

DISCIPLINA	NOME
HS119 G - CS601 B - HZ164 A	Tópicos Especiais em Antropologia – “Antropologia da democracia e dos populismos”

Horas Semanais						
Teóricas	Práticas	Laboratório	Orientação	Distância	Estudo em Casa	Sala de Aula
4						
Nº semanas	Carga horária total		Créditos	Exame	Frequência	Aprovação
15	60					

Docente:

Thomas J. Cortado (Pós-doutor, IFCH)

Ementa:

O objetivo desta disciplina é propor uma introdução à antropologia da democracia e do populismo. Há tempo que a antropologia se debruça sobre a democracia. Começou pelas manifestações supostamente arcaicas ou disfuncionais (patronagem, clientelismo, corrupção, ritos) da democracia, principalmente nos países do atual Sul global e da Europa mediterrânea. Já a antropologia brasileira da política se interessou cedo pelo cotidiano da democracia, como a prática do voto, as épocas de eleições e as intervenções dos movimentos sociais. Entretanto, a ascensão mundial daquilo que a literatura internacional chama de “populismo”, “neopopulismo” ou “nacional-populismo”, e remete a figuras como Viktor Orbán na Hungria, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Narendra Modi na Índia, Donald Trump nos Estados-Unidos, Jair Bolsonaro no Brasil, desafia nossa compreensão da democracia contemporânea e nossas formas de fazer pesquisa. A hipótese da disciplina é que o tal “populismo” não é estranho à democracia: ele nasce dela e vive de suas contradições. Para a demonstração, recorreremos a etnografias conduzidas em diversos lugares do mundo, desde as Américas até o Sudeste Asiático.

Objetivos:

Se a democracia se caracteriza pela soberania do povo (*demos*), não seria o “populismo” intrínseco ao seu funcionamento? O problema é que “populismo” significa coisas muito diferentes de acordo com os períodos e os lugares. Na Rússia czarista, chamava-se de “populistas” os *narodniks*, os partidários de um socialismo agrário adequado à realidade do país, que compartilhavam uma representação romântica do campo russo. Nos Estados-Unidos pós-Guerra de Secessão, eram “populistas” os militantes do *People’s Party*, terceira formação política do país, que defendia os interesses dos camponeses contra as grandes empresas capitalistas. Na América latina dos anos 30 aos anos 60, “populismo” se aplicava a formas de governar como

as de Getúlio Vargas no Brasil ou Juan Domingo Perón na Argentina, que buscavam o apoio das classes trabalhadoras urbanas, em troca de benefícios sociais. Na mesma época, Léon Lemonnier e André Thérive criavam o Prêmio do Romance Populista na França, para recompensar os escritores que retratavam a vida das classes populares.

Desde os anos noventa, passou-se a chamar de “populistas” ou “neopopulistas” os movimentos europeus de extrema-direita, como o *Front National* (hoje *Rassemblement National*) da família Le Pen na França, a *Lega Nord* de Matteo Salvini na Itália, o *Freiheitliche Partei Österreichs* (FPÖ) na Austria, ou o partido *Prawo i Sprawiedliwość* (Direito e Justiça) dos irmãos Kaczyński na Polônia. Mais recentemente, *Alternative für Deutschland* (AfD) chamou atenção na Alemanha, assim como o espanhol Vox. Desde os anos 2010, movimentos de esquerda que romperam com as formações mais tradicionais, como a *France Insoumise* de Jean-Luc Mélenchon ou *Podemos* na Espanha, e outros que rejeitam as etiquetas políticas tradicionais, como o *Movimento 5 Stelle* de Beppe Grillo na Itália, também são chamados de “populistas”. Com a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados-Unidos em 2016, a categoria ganhou ainda mais em extensão, pois se aplica a inúmeros políticos de muitos países diferentes, como Viktor Órban na Hungria, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Narendra Modi na Índia e Jair Bolsonaro no Brasil.

Já existe uma enorme literatura sobre o populismo, nos campos das ciências políticas, da sociologia, da história, da antropologia e até da psicologia. Esta disciplina não tem como objetivo discutir as definições do populismo ou a classificação de determinado político como “populista”. Trata-se antes de identificar os fenômenos aos quais o recente sucesso da categoria remete, do ponto de vista tanto das práticas quanto das representações. Para isso, debruçar-nos-emos sobre etnografias conduzidas em diversos contextos nacionais e que abordam temáticas diferentes. A nossa hipótese principal é que por trás do “populismo” se esconde o tensionamento da democracia contemporânea, enquanto ideal normativo e sistema organizado.

A primeira parte da disciplina tem como função de introduzir @s alun@s às abordagens antropológicas da democracia. Estas se interessaram em primeiro lugar pelas manifestações supostamente arcaicas ou disfuncionais (patronagem, clientelismo, corrupção, ritos) da democracia, principalmente nos países do atual Sul global e da Europa mediterrânea. Já a antropologia brasileira da política se dedicou ao cotidiano da democracia, observando as práticas do voto, épocas de eleições e intervenções dos movimentos sociais. A segunda parte discute estudos antropológicos sobre populismo, desde o clássico populismo latino-americano até o nacional-populismo de Trump, Modi e Bolsonaro, passando pelo neopopulismo das extremas-direitas europeias. Dá destaque às reconfigurações das questões social e racial que possibilitaram os nacionais-populismos, assim como à dimensão performativa e às narrativas que o sustentam.

A disciplina consiste em aulas expositivas, com base na bibliografia proposta. Incentivo @s alun@s a intervir durante as aulas e compartilhar conteúdos online. A avaliação se dá por meio de exercícios etnográficos de meio-página cada um, distribuídos ao longo do semestre. Ela leva em consideração o período de cada um e cada uma. Aos alunos e às alunas de pós-graduação, peço também um breve relatório final de até 5 páginas, relacionando seu objeto de pesquisa com os estudos antropológicos sobre democracia e populismos.

Caso a pandemia não der trégua, as aulas ocorrerão de forma online, usando a tecnologia *Google Meet*, mediante comunicação do link dando acesso à reunião e agendamento prévio no grupo *WhatsApp* da turma.



Todas as aulas online serão gravadas e a gravação disponibilizada na pasta compartilhada *Onedrive*. QUEM QUISER PARTICIPAR DA DISCIPLINA DEVE IMPERATIVAMENTE ENTRAR EM CONTATO COM O PROFESSOR POR EMAIL ANTES DA PRIMEIRA SESSÃO, PARA SE INSCREVER NA LISTA DE E-MAILS E PARTICIPAR DO GRUPO *WHATSAPP!*

Conteúdo Programático e Bibliografia:

1. Aula inaugural: para um olhar antropológico sobre democracia e populismo

GOLDMAN, Márcio. “Pesquisa” e “Centro Afro-Cultural”. In: *Como Funciona a Democracia: Uma Teoria Etnográfica da Política*, pp. 93-190. 2006.

GOODALE, Mark. “God, Fatherland, Home: revealing the dark side of our anthropological virtue”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 26, n. 2, pp. 343–364. 2020.

MAZZARELLA, William. The Anthropology of Populism: Beyond the Liberal Settlement. *Annual Review of Anthropology*, v. 48, n. 1, p. 45–60, 2019.

OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. *La rigueur du qualitatif: Les contraintes empiriques de l'interprétation socio-anthropologique*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2019.

PARTE I: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DA VIDA DEMOCRÁTICA

2. Clientelismo (1): Formas da patronagem política

CARVALHO, José de Murilho. “Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual”. *Dados*, v. 42, n. 2. 1997.

BOISSEVAIN, Jeremy. “Patronage in Sicily”. *Man*, v. 1, n. 1, pp. 18-33. 1966.

LEAL, Victor Nunes Leal. “Indicações sobre a estrutura e o processo do ‘coronelismo’”. In: *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 43-74. 2012 (1948).

DE VRIES, Peter. “Vanishing mediators: enjoyment as a political factor in western Mexico”. *American Ethnologist*, v. 29, n. 4, pp. 901-927. 2002.



3. Clientelismo (2): Redes e máquinas políticas

LEMARCHAND, Rene; LEGG, Keith. "Political Clientelism and Development: A Preliminary Analysis". *Comparative Politics*, v. 4, n. 5, pp. 149-178. 1972.

DINIZ, Eli. "Máquinas Políticas: Algumas Considerações Teóricas". In: *Voto e Máquina Política*. São Paulo: Paz e Terra, pp. 23-46. 1982.

MAYER, Adrian. "A importância dos quase-grupos no estudo das 'sociedades complexas'". In: Bela Feldman-Bianco (Org), *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global. pp 127-152. 1987.

AUYERO, Javier. "The Logic of Clientelism in Argentina: An Ethnographic Account". *Latin American Research Review*, v. 35, n. 3, pp. 55-81. 2000.

4. As lógicas do voto

GARRIGOU, Alain. "Le secret de l'isoloir". *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 71-72, pp. 22-45. 1988.

OFFERLÉ, Michel. "Le vote comme évidence et comme énigme". *Genèses*, v. 12, pp. 131-151. 1993.

GOLDMAN, Márcio. "Teorias, Representações e Práticas: Elementos para uma Problematização do 'Voto'". *Comunicação e Política*, v. 1, n. 3, pp. 139-12. 1995.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir. "O voto como adesão". *Teoria e Cultura*, v. 1, n. 1, pp. 35-58. 2006.

5. Tempos de eleição

PALMEIRA, Moacir. "Eleição municipal, política e cidadania". In: Moacir Palmeira & César Barreira (orgs), *Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 137- 150. 2004.

BORGES, Antonádia. "O Asfalto". In: *Tempo de Brasília: Etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 89-126. 2003.

APTER, Andrew. "Things That Fell Apart? Yoruba Responses to the 1983 Elections in Ondo State, Nigeria". *The Journal of Modern African Studies*, v. 25, n. 3, pp. 489-503. 2008.

PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

1º período letivo de 2021

BJÖRKMANN, Lisa. “‘You can’t buy a vote’: Meanings of money in a Mumbai election”. *American Ethnologist*, v. 41, n. 4, pp. 617-634. 2014.

6. Os ritos das democracias

ABÉLÈS, Marc. “Modern Political Ritual: Ethnography of an Inauguration and a Pilgrimage by President Mitterrand”. *Current Anthropology*, v. 29, n. 3, pp. 391-404. 1988.

MC LEOD, James. “The Sociodrama of Presidential Politics: Rhetoric, Ritual, and Power in the Era of Teledemocracy”. *American Anthropologist*, v. 101, n. 2, pp. 359-373. 1999.

TEXEIRA, Carla Costa. “Das Bravatas. Mentira ritual e retórica da desculpa na cassação de Sérgio Naya”. In: Mariza Peirano (Org.), *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 113-131.

CHAVES, Christine de Alencar. “A Marcha Nacional dos Sem-terra: estudo de um ritual político”. In: Mariza Peirano (Org.), *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 149-170.

7. Os lugares dos movimentos sociais

CARDOSO, Ruth. “Movimentos sociais urbanos: balanço crítico”. In: Sorj & Almeida (Orgs.), *Sociedade política no Brasil pós-61*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, pp. 313- 350. 2008.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. “A continuidade do ‘problema da favela’”. In: Lucia Oliveira (Orgs.), *Cidade: História e desafios*. Rio de Janeiro: FGV. pp. 220- 237. 2002.

ROY, Ananya. “Civic Governmentality: The Politics of Inclusion in Beirut and Mumbai”. *Antipode*, v. 41, n. 1, pp. 159-179. 2009.

BONI, Stefano. “Reconciling the State and Diffused Autonomy? Political Brokers in Venezuelan *Poder popular*”. *Latin American Perspectives*, v. 47, n. 4, pp. 170-189. 2020.

8. Corrupção

SCOTT, James. “Corruption, Machine Politics, and Political Change”. *The American Political Science Review*, v. 63, n. 4, pp. 1142-1158. 1969.



GUPTA, Akhil. “Blurred Boundaries: The Discourse of Corruption, the Culture of Politics, and the Imagined State”. *American Ethnologist*, v. 22, n. 2, pp. 375-402. 1995.

BEZERRA, Marcos Otávio. “Pós-escrito: Corrupção e produção do Estado”. In: *Corrupção*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, pp. 225-265. 2018.

MAZZARELLA, Wiliam. “Internet X-Ray: E-Governance, Transparency, and the Politics of Immediation in India”. *Public Culture*, v. 18, n. 3, pp. 473–505. 2006.

PARTE II: O POPULISMO, ANOMALIA OU EXPRESSÃO DEMOCRÁTICA?

9. A democracia liberal, modelo decadente?

ROSE, Nikolas. “Governing ‘advanced’ liberal democracies”. In: BARRY, Andrew; OSBORNE, Thomas; ROSE, Nikolas (Orgs.). *Foucault and Political Reason: Liberalism, Neo-Liberalism and Rationalities of Government*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 37–64, 1996.

WILSON, Japhy; SWYNGEDOUW, Erik. “Seeds of Dystopia: Post-Politics and the Return of the Political”. In: WILSON, Japhy; SWYNGEDOUW, Erik (Orgs.). *The post-political and its discontents: Spaces of depoliticisation, spectres of radical politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 1–22. 2014.

ZAKARIA, Fareed. “The Rise of Illiberal Democracy”. *Foreign Affairs*, v. 76, n. 6, pp. 22. 1997.

ARIAS, Enrique Desmond; GOLDSTEIN, Daniel. “Understanding the New Democracies of Latin America”. In: ARIAS, Enrique; GOLDSTEIN, Daniel (Orgs.). *Violent democracies in Latin America*. Durham: Duke University Press, pp. 1–34. 2010.

10. O laboratório sul-americano: um populismo de esquerda?

CLAYTON, Lawrence; CONNIFF, Michael. “The Classic Populists” (pp. 379-407). *A history of modern Latin America*. Belmont: Wadsworth Publishing, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito”. *Tempo*, v. 1, pp. 31–58, 1996.

DUARTE, Adriano; FONTES, Paulo. “O populismo visto da periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953)”. *Cadernos AEL*, v. 11, 20/21, pp. 83–125. 2004.

FIERMAN, Julia. “‘I Embrace You with the Affection and Loyalty of Always’: Personalism and Exchange in Argentine Populism”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 25, n. 1, pp. 104–122. 2020.

11. O (neo)populismo (de extrema-direita?) na Europa

BETZ, Hans-Georg. “Radical Right-Wing Populism and the Challenge of Global Change” (pp. 1-35). *Radical Right-wing Populism in Western Europe*. London: Macmillan, 1994.

MUDDE, Cas. “The Populist Zeitgeist”. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, pp. 541–563. 2004.

CANOVAN, Margaret. “Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy”. *Political Studies*, v. 47, n. 1, pp. 2–16. 1999.

MONDON, Aurélien; GLYNOS, Jason. “The political logic of populist hype: the case of right wing populism’s ‘meteoric rise’ and its relation to the status quo”. 2016. Disponível em: <<https://researchportal.bath.ac.uk/en/publications/the-political-logic-of-populist-hype-the-case-of-right-wing-popul>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

12. Trump, Bolsonaro, Modi: o nacional-populismo, fenômeno mundial?

GUSTERSON, Hugh. “From Brexit to Trump: Anthropology and the rise of nationalist populism”. *American Ethnologist*, v. 44, n. 2, p. 209–214. 2017.

NEIBURG, Federico; THOMAZ, Omar Ribeiro. “Ethnographic views of Brazil’s (new) authoritarian turn”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 10, n. 1, pp. 7–11. 2020.

ROSA, Jonathan; BONILLA, Yarimar. “Deprovincializing Trump, decolonizing diversity, and unsettling anthropology”. *American Ethnologist*, v. 44, n. 2, pp. 201–208. 2017.

FELTRAN, Gabriel. “The revolution we are living”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 10, n. 1, pp. 12–20. 2020.

JAFFRELOT, Christophe. “Partie II: La plus grande démocratie ethnique du monde” (Chapitres 4, 5 et 6). *L’Inde de Modi: National-populisme et démocratie ethnique*. Paris: Fayard, 2019.

13. Classe, raça e gênero: novas articulações nacionais-populistas

KALB, Don. “Conversations with a Polish populist: Tracing hidden histories of globalization, class, and dispossession in postsocialism (and beyond)”. *American Ethnologist*, v. 36, n. 2, p. 207–223. 2009.

EVANS, Gillian. “Brexit Britain: Why we are all postindustrial now”. *American Ethnologist*, v. 44, n. 2, p. 215–219. 2017.

DA SILVA, Antonio José Bacelar; LARKINS, Erika Robb. “The Bolsonaro Election, Antirblackness, and Changing Race Relations in Brazil”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 24, n. 4, p. 893–913. 2019.

KOVÁTS, Eszter. “Post-Socialist Conditions and the Orbán Government’s Gender Politics between 2010 and 2019 in Hungary”. In: DIETZE, Gabriele; ROTH, Julia (Orgs.). *Right-wing populism and gender: European perspectives and beyond*. Bielefeld: Transcript, pp. 75–100. 2020.

14. O nacional-populismo como performance

HALL, Kira; GOLDSTEIN, Donna M.; INGRAM, Matthew Bruce. “The hands of Donald Trump”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 6, n. 2, pp. 71–100. 2016.

ARUGAY, Aries A. “When Populists Perform Foreign Policy: Duterte and the Asia-Pacific Regional Order”. 2018. Disponível em: <https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/projekt_papiere/Arugay_BCAS_Philippines.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

GEVA, Dorit. “Daughter, Mother, Captain: Marine Le Pen, Gender, and Populism in the French National Front”. *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society*, pp. 1–26. 2018.

DEMATTEO, Lynda. “Les bouffons au pouvoir” (pp. 101-144). *L’idiotie en politique: Subversion et néo-populisme en Italie*. Paris: Maison des sciences de l’homme, 2017.



15. Temporalidades nacionais-populistas

BALTHAZAR, Ana Carolina. “Made in Britain: Brexit, teacups, and the materiality of the nation”. *American Ethnologist*, v. 44, n. 2, pp. 220–224. 2017.

RICHMOND, Matthew Aaron. “Narratives of Crisis in the Periphery of São Paulo: Place and Political Articulation during Brazil’s Rightward Turn”. *Journal of Latin American Studies*, v. 52, n. 2, pp. 241–267. 2020.

JUNGE, Benjamin. ““Our Brazil Has Become a Mess”: Nostalgic Narratives of Disorder and Disinterest as a “Once-Rising Poor” Family from Recife, Brazil, Anticipates the 2018 Elections”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 24, n. 4, pp. 914–931. 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. “Pillars of Tradition”, “The Man Against Time”, “Deep States”. *War for Eternity: Inside Bannon’s far-right circle of global power brokers*. New York: Dey Street Books. 2020.

Observações:

Contato do professor: cortado.thomas@gmail.com.